

Uwa'kürü - dicionário analítico

Volume 2

Organização
Gerson Rodrigues de Albuquerque
Agenor Sarraf Pacheco

Nepan Editora
Rio Branco - Acre
2017

ROTEIROS GEO-TURÍSTICOS



O projeto denominado Roteiros Geo-Turísticos: conhecendo o centro histórico de Belém, na Amazônia é de extrema relevância e pertinência para a resignificação das práticas turísticas em Belém, como ação estimuladora de resgate da memória social, histórica e geográfica do bairro da Cidade Velha, e como ação de educação patrimonial articulada com a educação ambiental. O projeto visa, também, contribuir no planejamento de ações turísticas para a cidade de Belém e na revalorização histórica patrimonial, cultural e turística da cidade (associações locais, população em geral e turistas), conforme nos orienta as leituras sobre o turismo de base comunitária. A experiência de construção do roteiro Geo-Turístico tem se mostrado bastante positiva, pois já foi criado e realizado o primeiro roteiro que contou com a participação de vários profissionais (Geógrafos, Turismólogos, historiadores, Arquitetos), estudantes de graduação e sociedade local. Durante a elaboração e execução do roteiro contamos com o apoio de órgãos ligados ao turismo, tanto da esfera estadual, quanto municipal, isso tem demonstrado que estes poderes começam a perceber a necessidade e importância de ações como estas que visam valorizar práticas turísticas alternativas e inserir ações de educação patrimonial e ambiental com a sociedade.

Turismo e espaço: uma relação necessária para a compreensão do patrimônio cultural e turístico

Apesar de muitos debates acerca da importância do espaço terem sido discutidos nas temáticas que envolvem o turismo (e seus diversos segmentos) pouco se tem sabido a respeito da real significância, ou melhor, de como o espaço realmente importa para se compreender a dinâmica da atividade turística. Diversos são os autores que já se debruçaram sobre esse assunto, notadamente, os ligados aos estudos da geografia (gerando, assim, um recente segmento chamado geografia do turismo). Em

uma temática que envolve o estudo do patrimônio material e imaterial dos lugares, o entendimento da relação entre o espaço e o turismo torna-se, portanto, a condição para a análise da essência do tema em questão.

Em um de seus mais significativos trabalhos, Santos evoca a ideia de que o espaço é “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas, como o quadro único no qual a história se dá”.¹ Nessas condições, o autor aponta para a inseparabilidade que há entre aquilo que se produz (os objetos) e aquilo que dá condição de sua existência (a ação ou atividade empregada na fabricação-construção das coisas). Como esses elementos não se dão de forma separada, significa afirmar, também, que para que o espaço seja entendido da forma como ele é torna-se necessário um determinado tempo, justificando, assim, a importância da história.

Nesses termos, os estudos sobre o patrimônio tanto material como imaterial dependem, assim, de uma condição para sua existência, o que lhe é garantida através de uma base concreta, ou seja, o espaço, que aqui só pode se entendido senão pela construção humana. Santos ainda acrescenta a ideia de que os objetos e as ações se dão de forma interativa, o que confirma mais ainda a inseparabilidade entre estes dois elementos. Para o autor:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, os sistemas de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.²

Lefebvre, por exemplo, afirma basicamente que o espaço é tanto a condição para que as ações humanas se realizarem como elas pretendem ser, assim como o meio onde essas mesmas ações acontecem. No final desse processo, como homem e meio relacionam-se entre si, há um novo espaço configurado, caracterizando, dessa forma, o espaço como produtos das relações sociais.³

Se pensarmos, por exemplo, que o patrimônio cultural de uma

1 Santos, A natureza do espaço, 2008, p. 63.

2 Santos, A natureza do espaço, 2008, p. 63.

3 Lefebvre, Espacio y política, 1976.

cidade só se torna como tal por conta das atividades que os homens empregaram nele se deram ao longo do tempo, veremos que tais espaços só conseguiram se reproduzir por conta de um uso em bases concretas (que obviamente estão ligados a uma concepção de cultura); mais ainda, uma condição “inicialmente” física, que depende exclusivamente da ação humana. Por esse lado, justifica-se que um determinado patrimônio cultural só tem valor por conta de suas condições tanto políticas, como sociais e econômicas, acrescentadas, ainda por uma condição técnica.⁴

Porém, ainda no que se refere a essa relação entre o patrimônio e o espaço geográfico, estes dois dependem ainda da paisagem como elemento “divulgador” e ratificador da condição de suas existências. Assim, para que o espaço geográfico possa ser visível, a paisagem surge como ente que liga aquilo que é concreto/ material àquilo que é suscitado no campo da subjetividade. A paisagem é assim uma síntese ou arquétipo das manifestações simbólico-culturais que formam um determinado patrimônio.

A paisagem – faz-se necessário que se diga – não é estática no tempo e no espaço. Seu caráter de mobilidade se dá justamente pelas condições de dinâmicas empregadas pelos grupos sociais que lá estão presentes; a paisagem é, dessa forma, reflexo das ações que se dão sobre o espaço geográfico. Santos afirma que a paisagem é tudo aquilo que a vista alcança, ou que está ao redor do sujeito, composta por formas, cores, símbolos e movimentos que estão interconectados claramente a uma demanda social, cultural e política. Exemplo disso é a ideia de que uma paisagem em um determinado contexto histórico reflete as condições sociais de uma época. Essa mesma paisagem pode – de acordo com o conjunto de ações efetivadas no espaço – mudar de significado (conteúdo), permanecendo, por outro lado, sua forma, como espécie de “resquício” do que era antes. Forma-se, assim, o que o autor chama de rugosidade espacial.⁵ Na cidade de Belém, o complexo Feliz Lusitânia é reflexo dessa ideia, diga-se de passagem, um fragmento da cultura e da história do patrimônio dessa cidade.

Não menos diferente, porém de uma forma mais relativa, Mas-

4 Paes, Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais - um olhar geográfico 2009; Almeida, Prefácio - Geografia, turismo e patrimônio cultural, 2010.

5 Santos, Metamorfoses do espaço habitado, 1998; Santos, A natureza do espaço, 2008.

sey defende a ideia de que o espaço sempre é produto de relações que, por sua vez, estão ligadas intimamente à multiplicidade.⁶ Para a autora, para se compreender o espaço inicialmente, deve-se entendê-lo a partir de pelo menos três condições: a primeira delas é a ideia de que o espaço é produto de inter – relações. Nesses termos, o jogo político que é feito entre os grupos sociais dá condição para que as relações se formem e dê condição ao espaço, as subjetividades, portanto, são importantes dentro desse argumento.

A segunda condição para Massey faz com que o espaço seja entendido como o “espaço da diferença e heterogeneidade”. Nesse sentido, para a autora, o espaço é também a “esfera da possibilidade”,⁷ onde não se é permitido a leitura de mundo de apenas um ou poucos grupos sociais, como é o caso do Ocidente explicando a história dos povos, entre outros casos. Assim, forçosamente, se reconhece as diversas espacialidades que os indivíduos cunham sobre uma base material, o que implica, também, no reconhecimento de outras concepções de espaço.

Por último, Massey enfatiza a ideia de que não se pode conceber o espaço como sendo uma estrutura fechada, típico de realidades pensadas nos movimento de progresso e desenvolvimento. A autora esclarece que são diversas as histórias e estórias que se cruzam ao longo do tempo e que sempre possibilitam um campo vasto e aberto para o futuro, garantindo, sobretudo, o espaço como um ente do “vir a ser”.

Portanto, para uma interpretação do que seja o patrimônio cultural de uma cidade como Belém do Pará, por exemplo, a condição de que um espaço que recebe o atributo de patrimônio não combina com a ideia de que só é patrimônio porque sujeitos detentores de atributos técnicos o fazem como tal. É o caso do Estado, em sua condição própria de sujeito que denomina aquilo que é e o que deixa de ser (ou ainda que não possa ser) patrimônio. Nos termos arrolados anteriormente, o cultural se faz pelo jogo relacional de interesses e, sobretudo, de práticas sociais, o que, no caso de Belém (especificamente seu núcleo urbano inicial), pode ser entendido a partir das pessoas que moram nos lugares que detém as qualidades históricas e culturais necessárias para a formação do patrimônio.

6 Massey, Pelo espaço, 2008.

7 Massey, Pelo espaço, 2008, p. 31.

Patrimônio cultural e patrimônio turístico – uma leitura da geografia

Recentemente o tema patrimônio cultural e turismo vem sendo debatido na Geografia, principalmente nas áreas da Geografia do Turismo e Geografia Urbana, o que revela que a ciência geográfica passa a ter um papel relevante na leitura destes temas. É somente a partir dos anos 70 que tais temáticas passam a compor efetivamente o escopo analítico da disciplina, com o movimento de Renovação da Geografia, trazendo novos elementos para o trato da produção social do espaço. Os estudos geográficos que se atêm a questão do patrimônio cultural acompanham essa tendência, ganhando vulto. Sobretudo, na última década.⁸

Segundo Nigro existem autores na Geografia, como Graham, Ashworth e Tunbridge, que propõem a existência de uma Geografia do Patrimônio (Geography of Heritage), em que haveriam 3 dimensões fundamentais. A primeira delas, que o patrimônio é um fenômeno espacial, a segunda, que o patrimônio é de interesse direto da Geografia Cultural e Histórica contemporânea, e a terceira, de que o patrimônio não é apenas um bem cultural, mas também econômico. Nesse sentido, afirma Nigro: “..o patrimônio constitui um elemento primordial e um componente das estratégias de políticas relacionadas ao planejamento urbano, desenvolvimento regional e turismo, temas tradicionalmente de interesse dos geógrafos”.⁹ Neste sentido, revela-se a importância atual da Geografia na leitura do patrimônio e sua espacialidade, tanto no que se refere ao patrimônio material, como o patrimônio imaterial. O que revela a importância dos lugares em um mundo globalizado.

A valorização do lugar e a resignificação do turismo – O Roteiro Geo-turístico em Belém do Pará

Abordamos o turismo como uma prática social que possui, entre outros aspectos, a característica de contribuir significativamente para os processos de produção e consumo dos espaços no mundo atual.¹⁰ Vista desse modo, a atividade turística possui elementos gerais que a caracterizam, como a existência do trade turístico – conjunto de instituições e agentes que operam no mercado turístico. Esses agentes são os principais

8 Nigro, As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos, 2009.

9 Nigro, As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos, 2009, pp. 69-70.

10 Cruz, Introdução à geografia do turismo, 2003.

responsáveis pela comercialização turística dos lugares. O turismo orientado por esses agentes obedece à lógica de produção capitalista, caracterizada pela produção em série e pela busca de aumento quantitativo do consumo, para diminuir custos e aumentar lucros com essa atividade.

Nesse contexto, o turista (reduzido a consumidor) é direcionado para o consumo de “produtos” “empacotados” e disponíveis no mercado. Nessa lógica de produção, elementos espaciais, materiais e imateriais, são selecionados para compor o “produto turístico”. Os critérios para a seletividade desses elementos obedecem demandas do consumidor-turista, aos interesses do próprio trade e ao discurso ou à marca que se que criar sobre os lugares, em uma perspectiva de gestão empresarial desses lugares.

Essa seletividade está pautada principalmente em aspectos estéticos e comportamentais, que correspondam a valores globais sobre o que é “turístico”, ou o que é “exótico” ou o que é valorizado no lugares. É nesse contexto que os centros históricos de diversas cidades brasileiras passam por processos de “revitalização” (ganham uma nova vida, com a presença de novos agentes e novos usos sociais), que, a despeito de ressaltar o que é diferencial em cada uma dessas áreas centrais, tem ocorrido de maneira um tanto padronizada, com o realce do colorido das fachadas, com a instalação de serviços de hospedagem, gastronomia, venda de souvenir e artesanato). Tal processo desconsidera, em grande parte, demandas locais dos habitantes das cidades, em especial dessas áreas que compõem os centros históricos, por serviços básicos, como infraestrutura saneamento e melhorias nos espaços de suas atividades culturais e econômicas.

O centro histórico de Belém - Pará possui espaços que receberam intervenções nos últimos anos, na lógica desse processo de “revitalização”.¹¹ E o que se observa, são espaços que compõem os roteiros turísticos que direcionam a visitação dos turistas ao centro histórico da cidade. No entanto, essa área apresenta ampla diversidade de vidas que o produzem, para além das poucas edificações reformadas. Estão presentes atividades comerciais (formais e informais), espaços em deterioração, lixo, festas, atividades portuárias, etc. Essa diversidade diz muito mais sobre o passado e o presente da cidade de Belém.

11 Trindade Junior; Amaral, Reabilitação urbana na área central de Belém - Pará, 2006.

Um roteiro geo-turístico (por relacionar as análises geográficas sobre o espaço com as práticas turísticas) que procura evidenciar esse mosaico de agentes e de modos de vida que produzem o centro histórico da cidade contribui para a perspectiva pedagógica do turismo, já que “a viagem proporciona o conhecimento”¹² e um real encontro do turista com lugar a vida do lugar visitado muitas vezes é impossibilitado pela rigidez no controle do pouco tempo e dos objetivos do “*fast tour*”, onde o turista tem que ver e fotografar mais em menos tempo.

Ressignificar o turismo, a partir da experiência do roteiro geo-turístico, representa a demonstração de que o turismo pode ser essa arena onde para (e através da) a visita do outro, os agentes locais passam a (re)conhecer e (re)valorizar sua história e seu espaço.

Um roteiro diferenciado

O Projeto Roteiros Geo-Turísticos – conhecendo o centro histórico de Belém na Amazônia – foi criado com o intuito de apresentar à comunidade científica, à sociedade local e aos turistas, que ele não é um roteiro turístico convencional, pois busca aliar conhecimentos históricos, arquitetônicos, culturais e geográficos. Ele insere locais que não têm sido incluídos frequentemente nos passeios comercializados, espaços nos quais é nítida a carência de ações do poder público, principalmente no que se refere à limpeza e segurança, ao contrário do que ocorre em certos espaços restaurados e refuncionalizados.¹³ Além disso, os roteiros geo-turísticos contam com o auxílio da população local durante o seu processo de construção e é baseado nos princípios do turismo de base comunitária, apesar de observar-se que esta forma de turismo está sendo mais aplicada às comunidades não-urbanas. Paes propõe que se pensarmos nas inúmeras possibilidades de inclusão social a partir da participação da população nos processos decisórios, na gestão do turismo, na educação patrimonial, na capacitação destas populações para ofícios ligados à preservação, restauração e inúmeras atividades associadas ao setor turístico e ao patrimônio cultural, teremos criado inúmeras alternativas, não só de geração de renda para estas populações, mas também uma nova dinâmica sócio-espacial para estas áreas. Mais dinâmica, mais diversificada, mais humana.¹⁴

12 Figueiredo, Viagens e viajantes, 2010, p. 29.

13 Cifelli, A refuncionalização turística do patrimônio cultural, 2010.

14 Paes, Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais - um olhar geográfico 2009.

Partindo desta abordagem, observa-se a importância da participação da população local neste processo, pois ações como estas podem ser um ponto de partida para a formulação de políticas públicas de turismo que agreguem tanto os valores culturais como de reprodução econômica.

Tendo em vista esses princípios, o primeiro roteiro geo-turístico foi criado no Bairro da Cidade Velha por ser este o mais antigo da cidade de Belém e por ter sido uma das portas de ocupação da região Amazônica pelos europeus, processo que data do século XVII. O roteiro se estende pelas primeiras ruas da cidade, tais como a Ladeira do Castelo, Siqueira Mendes, Joaquim Távora e Tomázia Perdigão. O bairro possui rugosidades espaciais,¹⁵ que podem ser compreendidas como formas espaciais presentes que foram resultantes de um determinado processo de ocupação. No caso da Amazônia, este período se referiu principalmente ao momento da instalação dos fortes militares pelos colonizadores portugueses, pelas missões religiosas, pelos movimentos de revolta, como a Cabanagem, e pela economia da borracha.

A realização dos roteiros

Em 12 de janeiro de 2016, a cidade de Belém do Pará completou quatrocentos anos de fundação. Até os dias recentes, a formação de seu patrimônio se revelou como síntese da história e geografia do lugar, mostrando diversas formas de apropriação do espaço. Por revelar uma oportunidade de se explorar as informações históricas por meio dos acontecimentos e edificações ao longo do tempo, houve uma oportunidade para que a Universidade Federal do Pará, por meio da Faculdade de Geografia, especificamente, o Grupo de Estudos em Geografia do Turismo (GGEOTUR) lançasse em 12 de janeiro de 2011 o projeto “Roteiros Geoturísticos: conhecendo o patrimônio cultural em Belém do Pará”. A intenção era dotar a sociedade belenense – e demais interessados – de conhecimento patrimonial sobre essa cidade, pouco revelado em ações públicas dos governos do estado e do município de Belém.

Seguindo diretrizes de um tipo de turismo avesso à massificação das práticas consolidadas do turismo global – uma espécie de turismo alternativo – os Roteiros se constituem como verdadeiras ferramentas

15 Santos, A natureza do espaço, 2008.

de ensino sobre o patrimônio e instrumento da ressignificação das práticas turísticas. O pano de fundo é a cidade de Belém, possuidora de uma história e geografia próprias, que atravessa quatro séculos de formação espacial peculiar no Brasil, em sua porção setentrional, o turismo de base comunitária, por sua vez, é o ideário dessa prática.

Considerando que Belém passou por diversas fases da expansão do sítio urbano, determinadas frações da cidade resguardam momentos históricos importantes. Por sua vez, os roteiros retomam as explicações referentes à construção dos monumentos, das tradições e acontecimentos histórico-culturais que marcaram a formação da cidade. As questões tratadas tentam superar as informações típicas dos guias e manuais de turismo, no qual o conhecimento sobre o patrimônio e a valorização espacial que ele pode inferir sobre o lugar é pouco tratado. Em Belém, os roteiros se concentram – em boa parte – nos locais onde a história da cidade e, por conseguinte, da Amazônia, foram notórias e tributárias de seu valor patrimonial.

Os Roteiros Geo-Turísticos tiveram início no Bairro da Cidade Velha, especificamente, no Forte do Presépio, às margens da Baía do Guajará. A ideia central desse roteiro é tratar da fundação de Belém pelos portugueses no século XVII, mostrando como a relação com a natureza se tornou elemento fundamental na geopolítica de ocupação do território pelos colonizadores. Não obstante a isso, o ponto de partida é exatamente o Forte, objeto espacial fundamental na demarcação do espaço e criação de um território do colonizador que continha invasões estrangeiras, assim como de nativos, processos estes feitos, não raramente, de forma nada amistosa. Outro ponto de destaque desse roteiro é a visita à Feira do Açaí, principal entreposto desse produto muito consumido pelos paraenses e que de lá o produto segue seu curso em direção a outros mercados nacionais e internacionais.

Há uma preocupação nos Roteiros Geo-Turísticos em não explicar o significado de patrimônio sem dissociar os aspectos culturais e históricos de Belém que formam sua geografia peculiar. No bojo desse processo, um dos locais escolhidos para o desenvolvimento do projeto e que marca a relação entre cultura, história e geografia é o Mercado do Ver-o-peso, que possui grande significado histórico, social, cultural e

simbólico para a cidade e seus habitantes, por que é nesse local que se estabelecem trocas de mercadorias, saberes, conexão entre a cidade e a floresta. Outro roteiro trabalhado trata de uma importante fase da história de Belém e que deixou relevantes marcas espaciais (rugosidades) em forma de monumentos arquitetônicos, datados, principalmente, do século XIX. O Roteiro da *Belle Époque* possui significado singular em vários prédios que ainda hoje se fazem presente em uma das porções mais antigas da cidade. A ideia central desse roteiro é apresentar o patrimônio material e imaterial do período da Belle Époque em Belém, (final do século XIX e início do século XX), as edificações e formas herdadas (como do Teatro da Paz, do cinema Olimpia, do Paleete Bolonha, do Bar do Parque), mas também as desaparecidas (como o Grande Hotel, o Café da Paz) e os novos processos de produção e transformação do espaço urbano após este período (como o processo de verticalização do espaço urbano de Belém, iniciado nesta região da cidade, a partir das décadas de 40 e 50).

A metodologia do roteiro reside no recolhimento de informações histórico-geográficas dos patrimônios considerados pelo grupo GGEOATUR de relevância na formação socioespacial de Belém. A partir do tratamento dessas informações, a análise é procedida por meio do uso de literatura da geografia do turismo, história, caracterização e importância do patrimônio e história de Belém. Em seguida, são realizados roteiros-teste com o sentido de relacionar o conteúdo das falas com o tempo que um participante deve destinar a cada parada. Feitos os devidos reparos, os roteiros são publicados nas redes sociais. A realização das caminhadas sempre é feita aos fins de semana ou em dias festivos. Há uma ficha de avaliação que permite ao participante opinar sobre a qualidade do trabalho. Da mesma forma, este instrumento, serve para mensurar a quantidade de pessoas participantes e se elas retornariam aos Roteiros em outras oportunidades.

Considerações finais

O projeto de roteiro geo-turístico é uma das provas empíricas da associação entre o turismo e a geografia, que visa resgatar a memória sócio-espacial da cidade, tomando como base a formação histórica e a atual função dos espaços. Os roteiros vão para além do passeio pelo

centro histórico de Belém, desvendam a complexidade da formação do espaço e suas mazelas, com o intuito de despertar nos cidadãos e no poder público a importância e a necessidade de proporem modificações em algumas áreas do Bairro da Cidade Velha, uma vez que evidencia espaços nos quais é nítida a carência de ações do poder público, principalmente no que se refere à limpeza e segurança. Nesse desafio de analisar a ação empírica da geografia por meio do turismo, é importante evidenciar a necessidade da busca por maior participação dos moradores do bairro com o intuito de empregar os princípios de turismo de base comunitária.

O roteiro no Bairro da Cidade Velha foi o primeiro implantado, no ano de 2011, depois seguiram-se os roteiros do Ver-o-Peso ao Porto, o roteiro da *Belle Epoque* e roteiro pelo Bairro da Campina (em 2012) e o roteiro no Bairro do Reduto (em 2013), o bairro industrial da borracha, momento que foram convidados a participar os diversos agentes sociais para mais um exercício da memória sócio-espacial e maior valorização de seu patrimônio. Seguiram-se anualmente um roteiro por ano: 2014: Pela Estrada de Nazaré; 2015: O arquiteto Antônio Landi e a Belém do século XVII; 2016: O Bairro de Batisita Campos e suas transformações sócio-espaciais.

Convém destacar, finalmente, que o projeto, em sua construção, tem sido interessante por buscar informações, além de sua realização ser uma intensa socialização das mais diversas áreas do conhecimento, visto que a maior parte dos participantes dos roteiros são estudantes e professores de diversas instituições de graduação e pós-graduação. A partir dessa concepção de turismo, almeja-se o que, de fato, o turismo pode proporcionar, ou seja, uma intensa coletividade, no que se refere ao uso do espaço voltado para lazer.

Portanto, a construção de roteiros geo-turísticos no centro histórico de Belém nasce das discussões sobre o turismo e o desenvolvimento social na Amazônia. A proposta foi idealizada pelo Grupo de Estudos de Geografia do Turismo (GGEOTUR), da Universidade Federal do Pará, onde se percebeu a necessidade de ações voltadas para o turismo histórico, cultural e patrimonial na cidade de Belém. O projeto envolve discentes do ensino médio, graduandos, mestrandos, e professores do curso de Geografia. Entre outros princípios, busca a ressignificação de

práticas turísticas, estimulando o resgate da memória social, histórica e geográfica da cidade de Belém, integrando a sociedade e valorizando sua memória sócio-espacial e o patrimônio cultural, ambiental, material e imaterial da cidade de Belém do Pará.

O projeto “Roteiro Geoturístico” tem por objetivo promover a extensão das atividades acadêmicas da geografia, pautando na importância que o turismo tem no reconhecimento dos espaços com valores patrimoniais, podendo ser considerados atrativos. No entanto, nem sempre as edificações e as histórias de longa data são valorizadas pelos representantes governamentais a partir de seus ideários sobre a atividade turística. Nesse sentido, muitos governantes seguem o curso do turismo de massa e com características de circuitos globais dessa atividade. Do contrário, os roteiros partem do princípio que o turismo é uma atividade democrática e auxilia no entendimento da história e geografia da cidade, daí, portanto, seu alcance plural na sociedade belenense.

A valorização do patrimônio é feita considerando três elementos fundamentais, sendo o primeiro a importância dos principais monumentos erguidos em Belém ao longo da história e como seus usos permanecem ou são substituídos por outros, marcando o que se afirma ser a rugosidade espacial. O segundo é calcado na história e formação de Belém como uma das cidades centrais do território brasileiro, cidade que no início da colonização foi estratégica na ocupação do Brasil em sua porção setentrional. O terceiro revela a simbiose entre cultura, patrimônio e a geografia do lugar, mostrando aos participantes como o patrimônio é uma forma de demarcar o território por meio de um valor que lhe é atribuído.

Os roteiros, por fim, demonstram como uma atividade como o turismo pode auxiliar na valorização do patrimônio, superando a mera informação e adentrando o conhecimento de uma cidade com quatrocentos anos de existência. A experiência de construção do Roteiro Geo-Turístico tem se mostrado bastante positiva, pois já foi criado e realizado o primeiro roteiro, que contou com a participação de vários profissionais (geógrafos, turismólogos, historiadores, museólogos e arquitetos), estudantes de graduação e sociedade local. Assim, observa-se que a construção de roteiros como este, tem contribuído para mostrar a sociedade de maneira geral que há necessidade de se valorizar o patrimônio cultural

de nossa cidade, e isso não depende exclusivamente do poder público, a população local pode e deve contribuir também.

Referências

- ALMEIDA, M. Prefácio. In: PAES, M.; OLIVEIRA, M. (Orgs.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 7-12.
- BURSZTYN, I. [et al]. Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In: BARTHOLO, R. [et al] (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Editora Letras e Imagem, 2009, pp. 76-91.
- CIFELLI, G. A refuncionalização turística do patrimônio cultural: os novos usos do território apropriado pelo turismo em Ouro Preto – MG. In: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. S. (Orgs.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.
- CRUZ, R. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.
- FIGUEIREDO, S. **Viagens e viajantes**. São Paulo: Annablume, 2010.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2001.
- LEFÈBVRE, H. **Espacio y política: el derecho a la ciudad II**. Barcelona: Ediciones Península, 1976.
- LEFÈBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- NIGRO, C. As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos. Bases e especificidades da relação entre patrimônio cultural e geografia. In: PAES, M.; OLIVEIRA, M. (Orgs.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010, pp.55-80.
- PAES, M. T. D. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais - um olhar geográfico. In: Bartholo, R. [et al] (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária - diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, v. 1, pp. 162-174.
- PAES, M. Apresentação. In: PAES, M.; OLIVEIRA, M. (Orgs.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 13 -32.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- SOUZA, M. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. **Revista território**. Rio de Janeiro: LAGEG/ UFRJ/ Garamond, ano II, n. 3, jul./dez. 1997, pp. 13-35.
- TRINDADE JUNIOR, S. C.; AMARAL, M. D. Reabilitação urbana na área central de Belém-Pará: concepções e tendências de políticas urbanas emergentes. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 111, jul./dez. 2006, pp.73-103.

ZAOAL, H. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: BARTHOLO, R. [et al] (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

MARIA GORETTI DA COSTA TAVARES

Doutor em Geografia (UFRJ, 2009)
Professora Assistente 3 – Faculdade de Geografia
Universidade Federal do Pará.

HUGO ROGÉRIO HAGE SERRA

Doutor em Geografia (Unesp, Presidente Prudente, 2017)
Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.